

Produção do Espaço e Dinâmica Regional

O associativismo de bairro e seu papel na produção do espaço urbano na cidade de Serrinha (BA)

The neighborhood associativism and its role in the production of urban space in the city of Serrinha (BA)

Jadson Santiago dos Santos¹ , Agripino Souza Coelho Neto^{II} 

^I Cooperativa de Educação Integral Serrinhense, Serrinha, BA, Brasil

^{II} Universidade do Estado da Bahia , BA, Brasil

RESUMO

O propósito deste texto é compreender o papel que as associações de bairro desempenham na produção do espaço urbano, destacando suas formas de organização, seus vínculos estabelecidos com os bairros e sua atuação na construção de relações comunitárias e no esforço para assegurar a dotação de infraestruturas urbanas. Partimos do pressuposto de que a compreensão do processo de produção do espaço nas periferias urbanas não pode prescindir da análise do papel das associações de bairro, consideradas agentes que participam da produção do espaço urbano. Este texto é resultado de pesquisa, apoiando-se fundamentalmente em pesquisa documental e na realização de entrevistas semiestruturadas com os/as filiados/as de quatro associações de bairro da cidade de Serrinha (BA). Em síntese, concluímos que as associações de bairro se constituem na articulação de moradores cujas ações/estratégias se dirigem para o enfrentamento das condições socioespaciais imediatas de vida, marcadamente na busca de soluções para os problemas estruturais básicos que afligem seus espaços de vivência.

Palavras-chave: Produção do espaço urbano; Agentes produtores do espaço; Associativismo urbano

ABSTRACT

The purpose of this text is to understand the role that neighborhood associations play in the production of urban space, highlighting its forms of organization, its established links with the neighborhoods and its performance in the construction of community relations and in the effort to ensure the provision of urban infrastructure. We start from the assumption that the understanding of the process of space production in the urban peripheries cannot dispense with the analysis of the role of neighborhood associations, considered as agents that participate in the production of urban space. This text is the result of a research, supported fundamentally by documentary research and semi-structured interviews with the members of four neighborhood associations in the city of Serrinha (BA). In summary, we

conclude that neighborhood associations are constituted by the articulation of residents whose actions/strategies are directed to coping with the immediate socio-spatial conditions of life, markedly in the search for solutions to the basic structural problems that afflict their living spaces.

Keywords: Production of urban space; Space producing agents; Urban associativismo

1 INTRODUÇÃO

No espaço entendido como produto, meio e condição da reprodução da sociedade, interagem diversos agentes que, através das mais variadas estratégias, são responsáveis por sua produção (Carlos, 2007, 2008). A concepção de produção do espaço é tributária do pensamento do filósofo francês Henri Lefebvre, encontrando-se reunida de forma sistemática na obra "La production de l'espace, publicando pela primeira vez em 1974. Para Lefebvre (2000), a produção do espaço pode ser comparada à produção de qualquer mercadoria. Ele é um produto da história, um ponto de encontro entre o planejamento material, o planejamento financeiro e o planejamento espaço-temporal.

Estado, empresa, sociedade civil organizada, indivíduos e suas diversas relações concorrem para a produção de um espaço que atenda a seus interesses, cujas correlações de forças são bastante desiguais, conformando assimetrias de poder que produzem fragmentação e segregação socioespacial. Os diversos agentes sociais participam do processo de produção do espaço urbano, mas apresentam naturezas e características distintas, assim como diferentes formas de uso e apropriação do espaço urbano.

Partimos do pressuposto de que a compreensão do processo de produção do espaço nas periferias urbanas não pode prescindir da análise do papel das associações de bairro, consideradas agentes que participam decisivamente da produção do espaço urbano. As características históricas e geográficas dos bairros contribuíram para constituir as bases para o surgimento do associativismo. Nesta perspectiva, há uma relação dialética entre associativismo de bairro e produção do espaço urbano.

O fenômeno objeto de nossa investigação é o associativismo comunitário de bairro. Nesse sentido, as associações comunitárias são organizações que congregam pessoas de uma comunidade específica, preocupadas em resolver problemas dos lugares onde vivem. A respeito das associações comunitárias, Teixeira (2008) identifica duas formas típicas: as comunitárias rurais e as de moradores urbanos (de bairro). Em termos teóricos, consideramos o associativismo nos termos desenvolvidos a seguir:

Numa acepção bastante geral, as associações consistem na articulação de um grupo de indivíduos que se organizam para realização de interesses comuns. Estas organizações sociais apresentam algumas características basilares: (1) são formadas para atender interesses comuns aos membros, (2) a participação é voluntária e não adquirida por nascimento, e (iii) existem de modo independente do Estado, portanto, consideradas como entidades da sociedade civil. (Coelho Neto, 2019. p. 111).

Este texto se detém especificamente na ação das associações de bairro que atuam em espaços periféricos da cidade de Serrinha, localizada no nordeste do estado da Bahia. O propósito é compreender o papel que as associações de bairro desempenham na produção do espaço urbano, destacando suas formas de organização e de atuação, os vínculos que estabelecem com os bairros e sua atuação na construção de relações comunitárias e na dotação de infraestruturas urbanas.

Essa pesquisa contou com a colaboração de quatro associações urbanas: a Associação Beneficente dos Moradores do Bairro da Bomba, a Associação de Moradores do Bairro Colina das Mangueiras, a Associação de Moradores do Bairro da Vaquejada e a Associação Centro Social Boa Esperança, localizada no Bairro da Rodagem. Estas associações se situam e atuam em bairros periféricos da cidade de Serrinha.

A pesquisa se apoiou em observação participante, viabilizada pela experiência dos pesquisadores que vivem e trabalham na cidade de Serrinha. Foi importante também a pesquisa documental, auxiliando na investigação do processo de formação dos bairros e na conformação do espaço urbano. Foram feitas também entrevistas

¹ Conservou-se a escrita da época.

² Principalmente no entorno da Praça Dr. Manuel Vitorino, atual Praça Luiz Nogueira. É importante também considerar as limitações e os padrões de infraestrutura urbana da época.

³ Constituída por fugitivos de engenhos do recôncavo baiano (Lacerda, 2008). A partir dos estudos desenvolvidos por Franco (1996) e Lacerda (2008), foi identificado que no século XIX o município de Serrinha contava com o uso da mão de obra de populações escravizadas.

semiestruturadas com as principais lideranças das quatro associações pesquisadas e com os associados, buscando investigar os modos de apropriação e intervenção nos bairros onde essas entidades se situam e se territorializam.

Além da introdução e das considerações finais, o artigo está estruturado em outras três seções. A primeira seção busca promover uma discussão teórica sobre o processo de produção do espaço urbano e a atuação dos agentes produtores do espaço. A segunda seção apresenta uma contextualização histórica e geográfica da cidade de Serrinha como recurso para compreensão da conformação do processo de produção do espaço urbano. A terceira seção se deteve na investigação dos vínculos que as associações urbanas estabelecem com os bairros, destacando suas participações na produção do espaço urbano.

2 PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E SEUS AGENTES

A sociedade, na sua busca contínua pela sobrevivência, organiza formas de produção e, conseqüentemente, de sua própria reprodução, processo que se estrutura e assume diferentes modos ao longo de cada contexto histórico-geográfico. O movimento da sociedade e sua articulação com a natureza, diversa temporal e espacialmente, conferem ao espaço especificidades próprias, resultantes da conjunção de fatores do contexto histórico-social, refletindo também as inter-relações com as escalas local, regional, nacional e global.

A paisagem urbana, por sua vez, contém diferentes estéticas arquitetônicas, muitas vezes coabitando em um mesmo espaço (caso do bairro), o antigo e o novo. Ela evidencia, em suas formas e funções, as diferentes temporalidades que respondem às demandas de uma determinada estrutura de sociedade, mas que podem ser objeto de reconfiguração e de refuncionalização dos objetos geográficos dispostos no espaço urbano. Neste sentido, as diferentes feições paisagísticas presentes no espaço urbano manifestam o acúmulo de diferentes processos históricos e sociais, envolvidos em um conjunto de funções e usos das formas espaciais (Santos, 1985).

Em termos gerais, o espaço é identificado como um conjunto de áreas conectadas que apresentam diferentes funcionalidades, configurando-se como o processo de produção e organização espacial, revelando ser fragmentado e articulado, campo de símbolos e lutas sociais, reflexo e produto da atuação social materializada nas formas espaciais, fruto da intervenção humana (Corrêa, 2002).

Para Corrêa (2002), o espaço urbano tem duas características gerais que, embora tenham suas particularidades, estão intimamente ligadas a seu processo de produção e transformação espacial. A primeira característica está relacionada à condição de ser passível às transformações ao longo do tempo, principalmente por se tratar de um fenômeno social que envolve diferentes níveis de necessidades, intencionalidades, temporalidades e apropriações. Para Corrêa (2002) e Carlos (2007), a interferência social no espaço urbano é peça fundamental para compreender a dinamicidade da produção espacial. Por isso,

a noção de produção contempla aquela de apropriação e esta, por sua vez, liga-se ao fato de que as relações que ocorrem no plano do morar – e de tudo o que essa expressão significa enquanto realização da vida humana - englobam os momentos do lazer, do trabalho, da vida. (Carlos, 2007, p. 41)

A segunda característica refere-se à condição de ser resultante das diferentes formas de intervenção social, à medida que cria articulações e fragmentações no espaço urbano. Essa lógica de produção espacial fragmentada se fortaleceu nas estruturas da sociedade capitalista, através das áreas centrais, dos condomínios fechados, entretanto, contraditoriamente, existe a necessidade da constituição de uma rede de fluxos de pessoas e de mercadorias, ou seja, a própria necessidade de articulação entre os diferentes setores e locais no espaço urbano. Nesse sentido,

O espaço urbano é fortemente dividido em áreas residenciais segregadas, refletindo a complexa estrutura social em classes [...] o espaço urbano é um reflexo tanto de ações que se realizam no presente como também daquelas que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente. (Corrêa, 2002, p. 8)

As diferentes lógicas de uso e de intervenção social no espaço urbano são responsáveis por conferir singularidades às características apresentadas, proporcionando-lhes formas e funções específicas. Com isso, os diferentes tipos de agentes (Quadro 1), são responsáveis por conferir, ao espaço urbano, lógicas específicas de uso, apropriação, configuração e organização espacial, capazes e responsáveis por direcionar determinado tipo de atividade/função, de modo a criar e recriar condições para a reprodução socioespacial (Corrêa, 2002).

Para Carlos (2007, p. 43), o espaço urbano apresenta um conjunto de contradições que tendem a ser materializadas segundo um conjunto de interesses do Estado e dos demais agentes produtores, a exemplo do capital. O espaço urbano é fundamental para a reprodução da vida, atendendo o conjunto de necessidades da sociedade. Nesse processo de reprodução, a sociedade é responsável por produzir “concomitantemente às novas formas de relação sociais, um novo espaço e uma nova relação entre este e a sociedade através das transformações nos modos de apropriação do espaço”, ou seja, os sujeitos reinventam o modo como interagem entre si e com o espaço como forma de garantir a sua reprodução social, responsável por criar e recriar novos/outros arranjos espaciais.

Quadro 1 – Agentes produtores do espaço urbano e suas formas de uso e apropriação

<i>Agentes produtores</i>	<i>Formas de uso e apropriação do espaço urbano</i>
<i>Proprietários dos meios de produção</i>	<i>Buscam terrenos amplos, baratos e que apresentem uma boa localização para a instalação de atividades produtivas</i>
<i>Proprietários fundiários</i>	<i>Obtêm maior renda de suas terras quando utilizadas para uso comercial e residencial (especulação imobiliária)</i>
<i>Promotores imobiliários</i>	<i>Incentivam, financiam e produzem habitações populares e de status em áreas localizadas estrategicamente</i>
<i>O Estado</i>	<i>Responsável pela normatização do espaço, muitas vezes, promovendo ou criando condições para ação do capital no espaço urbano</i>
<i>Os grupos sociais excluídos</i>	<i>Diferentes formas de organização e/ou mobilizações sociais constituídas para obter acesso a terra/moradia e assegurar a reprodução social</i>

Fonte: Corrêa (2002)

Elaborado pelos autores (2021)

Segundo Corrêa (2002), a atuação dos agentes produtores do espaço urbano responde a diferentes intencionalidades, provenientes das diferentes lógicas de apropriação e uso do solo urbano. Em alguns casos, essas ações podem se apresentar como complementares, caso da ação dos proprietários fundiários e promotores imobiliários na instalação de empreendimentos residenciais urbanos. No entanto, em outros momentos, os agentes podem manifestar relações conflituosas com o choque de interesses.

O espaço urbano pode ser considerado uma mercadoria cara, valiosa, capaz de replicar as condições de reprodução, além de acumular história, valor simbólico e conflitos sociais (Corrêa, 2002; Maricato, 2015). Corrêa (2002, p. 62) assevera que o espaço urbano pode ser fragmentado ao considerar as classes sociais que ocupam, as diferentes infraestruturas disponíveis e as formas de intervenção dos diferentes agentes, que agregam valor ao solo urbano, evidenciando que as características do local ocupado estão relacionadas à capacidade e à disposição de pagar por melhores localizações.

É justamente nessa relação entre o poder pagar/comprar partes do solo urbano que podemos problematizar sobre a realidade de alguns agentes que não dispõem de recursos necessários para adquiri-lo. As lógicas mercadológicas que prevalecem no processo de produção do espaço urbano são responsáveis por promover a segregação urbana, pois “os terrenos com menores preços, pior localizados, serão utilizados na construção de residências inferiores, a serem habitadas pelos que dispõem de menor renda.” (Corrêa, p. 61, 2002). Maricato (2015, p. 12) entende que “a localização tem um preço. E só mora bem e tem direito à cidade quem pode pagar”. Nesse sentido,

Se, por um lado, a cidade se reproduz na contradição entre a eliminação substancial das formas que criam o desaparecimento dos referenciais da vida, produzindo o estranhamento, há, por outro lado, reconhecimentos e projetos coletivos. O significado mais profundo do espaço, do ponto de vista da prática socio-espacial, revela a cidade também enquanto possibilidade, isto é, lugar onde se projeta uma vida passível de ser realizada em outros parâmetros que se opõem à lógica da reprodução política e econômica. (Carlos, 2007, p. 48)

Em oposição às lógicas dominantes na sociedade capitalista, destacamos o papel e a importância das diferentes formas e níveis de organização e intervenção social, principalmente aquelas desenvolvidas por uma coletividade, referenciada territorialmente, ou seja, sendo constituída no âmbito de uma realidade geográfica, capaz de construir as bases socioespaciais de sua intervenção.

Queremos destacar a ação do associativismo urbano – que, no nosso caso, é o associativismo de bairro - como importante agente produtor do espaço urbano. Essas associações operam segundo forte ancoragem territorial, isto é, sua criação e suas formas de funcionamento encontram no território uma potência e uma condição existencial. O território opera como suporte e como base de articulação e organização. Neste sentido, elas voltam-se para a construção de relações de base comunitária e para a busca de solução para os problemas urbanos imediatos que resultam do compartilhamento da mesma realidade socioespacial. Concebemos essas formas societárias na mesma linha de Scherer-Warren (1999, p. 15) como

“[...] formas organizadas de ações coletivas, empiricamente localizáveis e delimitadas, criadas pelos sujeitos sociais em torno de identificações e propostas comuns”, desenvolvendo atividades voltadas “[...] para a melhoria da qualidade de vida, defesa de direitos de cidadania, reconstrução comunitária etc.” Esta definição sugere pensar as associações segundo as finalidades estabelecidas pelos grupos sociais e, portanto, em suas distintas tipologias, como a “[...] associação de moradores, ONGs, grupos de mútua ajuda, grupos de jovens, mulheres, étnicos, ecologistas e outros”, permitindo, também, classificá-las de acordo com suas atividades-fim.

Partimos do pressuposto de que algumas modalidades de associativismo têm uma inequívoca ancoragem territorial, cujos laços que estabelecem com o espaço implicam uma apropriação/domínio do espaço, transformando-o em seus territórios. Este é o caso das associações de bairro que se formam nas cidades, com mais vigor nos bairros periféricos, pela existência de mais laços de solidariedade e sentimento de coexistência à mesma realidade socioespacial.

3 SERRINHA: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E GEOGRÁFICA

No documento “Memória sobre o Estado da Bahia” (Vianna, 1893), elaborado a pedido do governador estadual Dr. Joaquim Manuel Rodrigues Lima, encontramos uma breve caracterização de Serrinha, enfatizando uma descrição política, demográfica e das características paisagísticas e naturais. Dos 123 municípios listados no documento, o município de Serrinha foi descrito da seguinte forma:

26) Serrinha - Situada n'um taboleiro, à margem da estrada de ferro do prolongamento, a quatorze léguas de Alagoinhas com boa edificação de casas térreas geralmente caiadas e pintadas, muitas envidraçadas, e seis sobrados formando diversas ruas assejadas e calçadas, e três praças das quaes é a mais importante a do dr. Manuel Victorino, que é grande, arborizada e a noite iluminada por candieiros belgas. Nesta praça é que se acha a matriz de Sant'Anna [...] N'esta mesma praça tem logar as feiras semanaes. Seu comércio é pequeno e relacionado com a capital e Alagoinhas [...]. (Vianna, 1893, p. 460)

[...] É o ponto de ajuntamento dos viajantes dos sertões do Norte que procuram a estrada de ferro para a Bahia. Os terrenos do município são aproveitados pela criação em pequena escala pela escassez d'água no verão quando se esgotam os açudes. Há água potável em abundância em bons açudes, porém insuficientes para a lavoura, que se ocupa com os cereaes, fumo e algodão para a exportação

[...] O logar é antigo. A freguesia é acreação da lei de 1º de Junho de 1838, a villa da de n. 1609 de 13 de Junho de 1876, elevada à categoria de cidade por acto do governo de 30 de Junho de 1891. (Vianna, 1893, p. 460)

As características descritas referenciam as primeiras décadas de emancipação do município de Serrinha e apresentam algumas das características ligadas às atividades econômicas desenvolvidas, a exemplo do comércio e do serviço de hotelaria. Ambos foram importantes para que fosse formado um conjunto de investimentos na infraestrutura urbana, proporcionando melhores condições de locomoção, tornando a cidade mais atrativa economicamente (Vianna, 1893; Franco, 1996).

Serrinha esteve diretamente envolvida com o processo de interiorização da população no estado da Bahia. Sua história guarda vestígios das rotas de comércio de gado (Porto, 2014), das populações negras escravizadas (Lacerda, 2008) e dos

indígenas da tribo Cariri (Franco, 1996; Carvalho, 2017).

No ano de 1723, as terras que pertenciam às populações nativas ficaram sob a posse da dona Joana Guedes e seu esposo João Mascarenhas, que venderam para o português Bernaro da Silva. No ano de 1838, através da Lei Provincial nº 67, houve a criação do Distrito de Paz (atual Serrinha). No ano de 1838, Serrinha era considerada uma freguesia da atual cidade de Água Fria. Somente em 13 de junho de 1876, pela Lei Provincial nº 1.069, Serrinha foi desmembrada e elevada à categoria de vila e, após isso, estabelecido o seu município. (Franco, 1996; Carvalho, 2017).

Franco (1996) sistematiza a história de Serrinha em três períodos, frisando as principais transformações e suas possíveis implicações na dinâmica urbana local: o primeiro se refere aos anos de 1612 a 1890; o segundo período vai de 1891 a 1969; e o terceiro período tem seu início em 1969.

O primeiro período foi marcado pelo fortalecimento e diversificação do comércio local, somados à intensificação dos fluxos de pessoas e mercadorias por meio da feira livre e dos pontos comerciais⁴, principalmente no entorno da atual Praça Luiz Nogueira. No ano de 1880, houve a implementação do ferroviarismo, que contribuiu para um maior dinamismo dos fluxos comerciais e populacionais de Serrinha. O ferroviarismo é um fenômeno que produz uma inflexão na história municipal, demarcando a periodização de Franco (1996).

No segundo período, ocorreu uma sucessão de investimentos na infraestrutura urbana. Franco (1996, p. 74) destaca que “os ferroviários trouxeram nova mentalidade nas relações sociais e trabalhistas”, somadas às transformações na infraestrutura urbana, a exemplo do sistema de abastecimento de água, da ampliação de áreas com calçamento, da iluminação pública e da expansão do espaço urbano, fazendo surgir os Bairros da Estação (ponto de carga e descarga da ferrovia), da Bomba (local que abrigava um importante reservatório de água, utilizado para abastecer as demandas locais e da ferrovia) e do Cruzeiro (nome da moeda da época).

A expansão da malha urbana de Serrinha se intensificou após a implantação da BR-116 (Rio-Bahia). Ela foi um marco importante para o segundo período, sendo

responsável por intensificar o processo de interiorização populacional da Bahia e por dinamizar os fluxos sociais e econômicos de Serrinha (Porto, 2014).

O terceiro período caracterizou-se por um novo dinamismo populacional, a partir da década de 1970, em função de uma série de serviços e empreendimentos no espaço urbano. Neste sentido, foram implantados a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), a agência do Banco do Brasil, a Diretoria de Extensão e Relações Comunitárias, o Ginásio Regional Estadual de Serrinha, a Fábrica Via Uno, além de clínicas, supermercados e outros serviços urbanos (Franco, 1996). Destaca-se também a implantação da Companhia Vale do Rio Doce na cidade de Teofilândia, mas cujos rebatimentos se fizeram notar em Serrinha. Este conjunto de atividades e de objetos geográficos foi responsável pela dinamização da economia e pela ativação dos fluxos populacionais em Serrinha⁵ (Tabela 1).

Tabela 1 – Distribuição da população urbana e rural do município de Serrinha/BA - 1900 a 2010

Ano	População urbana		População rural		População total
	Valor absoluto	valor relativo	valor absoluto	valor relativo	
1900	---	---	---	---	2.876
1920	---	---	---	---	29.005
1940	4.253	9.30%	41.589	90.70%	45.852
1950	9.138	13.36%	59.276	86.64%	68.413
1960	12.658	22.31%	44.092	77.69%	56.750
1970	16.478	34.93%	30.6984	65.07%	47.172
1980	25.466	44.31%	32.001	55.69%	57.467
1991	37.856	49.80%	38.159	50.20%	76.015
2000	45.943	55.22%	37.263	44.78%	83.206
2010	47.188	61.47%	29.574	38.53%	76.762

Fonte: Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA) – 2020; Vianna (1893)
Elaborado pelos autores (2021)

Os dados da Tabela 1 informam dois processos importantes. O primeiro processo diz respeito ao crescimento populacional constante, verificado no século XX. As variações demográficas negativas apresentadas na Tabela 1 (1950-1960, 1960-1970 e 2000-2010) decorrem da emancipação dos municípios de Araci em 1956, Biritinga,

Lamarão e Teofilândia em 1962 e Barrocas em 2000. Mesmo com essas emancipações, Serrinha ainda consegue se destacar no Território do Sisal como centro urbano com boa capacidade de atração populacional (Carvalho, 2017) em razão da implantação de uma série de empreendimentos urbanos. O segundo processo revelado com os dados é a intensificação do processo contínuo de urbanização, verificado ao longo do século XX.

Em estudo recente, Carvalho (2017) e Oliveira (2018) identificaram que a expansão da malha urbana de Serrinha vem ocorrendo de maneira intensa, ligada ao processo de valorização do solo, muitas vezes envolvido em um conjunto de irregularidades ambientais, conexas com as regulações urbanísticas, agravando ou proporcionando algumas limitações de ordem urbana, materializadas na ausência de pavimentação de algumas vias, na carência ou sucateamento dos espaços públicos para lazer e na deficiente rede de distribuição de água potável, energia elétrica e saneamento básico.

4 A GESTÃO DOS BAIROS DE SERRINHA E A ATUAÇÃO DO ASSOCIATIVISMO URBANO

Defendemos a tese de que a compreensão do processo de produção do espaço urbano de Serrinha (Ba), nas últimas quatro décadas, não pode prescindir da análise do papel das associações de bairro, consideradas agentes que participam decisivamente da produção do espaço urbano, em especial dos bairros periféricos da cidade. Neste sentido, esta pesquisa foi desenvolvida em quatro bairros distintos, cujas características históricas e geográficas contribuíram para constituir as bases para o surgimento do associativismo. Nesta perspectiva, há uma relação dialética entre associativismo de bairro e a produção do espaço urbano.

Os bairros são gestados por processos múltiplos, que informam pertinências espaciais e temporais. O Bairro da Bomba teve sua criação atrelada à condição de proximidade geográfica com a Estação ferroviária e o açude da Bomba, um dos principais reservatórios de água da cidade. O Bairro Colina das Mangueiras se destaca pela prática de loteamentos em áreas periféricas e pela proximidade com a BR-116. O Bairro da Vaquejada desenvolveu-se em meio às festividades ligadas à vaquejada e à

implementação da BR-116. Já o Bairro da Rodagem também esteve vinculado à prática de loteamento nas áreas periféricas, somada à sua proximidade com uma via que interligava a BR-116 ao centro da cidade.

As limitações e problemas provenientes da rápida expansão urbana contribuíram para o desenvolvimento das práticas associativistas. Estas práticas têm uma forma específica de mobilização e organização social, capaz de alterar a forma como os cidadãos interagem entre si e com o espaço urbano, criando formas alternativas de viabilizar e/ou garantir a reprodução social. Em estudos recentes sobre o associativismo, identificamos que Serrinha apresenta uma considerável quantidade de associações (Santos, 2007; Coelho Neto, 2013, 2019; Oliveira, 2016; Santos, 2018). Algumas delas respondem de modo destacado pelo processo de produção do espaço urbano nas periferias da cidade.

O associativismo urbano costuma estar vinculado à realidade geográfica e histórica de cada bairro. Esta condição de pertencimento ao lugar e sua inserção em um contexto socioespacial específico contribuem para nortear e/ou influenciar na tomada de decisões, definindo o caráter das atividades/ações desenvolvidas, e para o delineamento do/s objetivo/s de atuação.

Consideramos como pressuposto a existência de uma relação dialética entre associativismo de bairro e produção do espaço urbano, na medida em que o contexto socioespacial cria condições para o aparecimento do associativismo, por um lado, mas, uma vez criado, o associativismo de bairro se torna um agente importante na produção do espaço urbano.

Uma perspectiva de leitura das relações entre as associações de bairro e os lugares é a proposta de Carlos (2000), identificando dois planos contraditórios no processo de reprodução do espaço e da reprodução das relações sociais. O plano da reprodução do espaço concretiza-se sob interesses e necessidades da reprodução do capital e sobre o poder do Estado, criando uma escala mundial como consequência do aprofundamento da divisão social e espacial do trabalho, baseada na racionalidade do saber e da técnica, e na supremacia de um poder político que tende a homogeneizar

o espaço e seus usos, através do controle e da vigilância.

O plano da reprodução da vida, por sua vez, diz respeito ao conjunto da sociedade em suas dimensões cotidianas. A reprodução das relações sociais se materializam no espaço, mas é no lugar e no cotidiano que essas manifestações se tornam reais e concretas. É no lugar que se dá os sentidos de existir, de viver e da identificação do sujeito com o lugar. É nele que travamos relações horizontais, que significamos a vida. É no lugar que nos apropriamos e fazemos uso do espaço. Este plano se revela nas relações de vizinhança, no ato de ir às compras, no caminhar, no encontros com os conhecidos, no jogo de bola, nas brincadeiras e nos percursos (Carlos, 2000).

As associações pesquisadas apresentam algumas similaridades, a exemplo da localização em bairros periféricos e da articulação de moradores para solucionar problemas comuns vivenciados em seus lugares de vivência. No entanto, resguardam especificidades quanto à forma de atuação, proveniente das condições próprias de cada bairro (Figura 1) e do perfil dos sujeitos envolvidos.

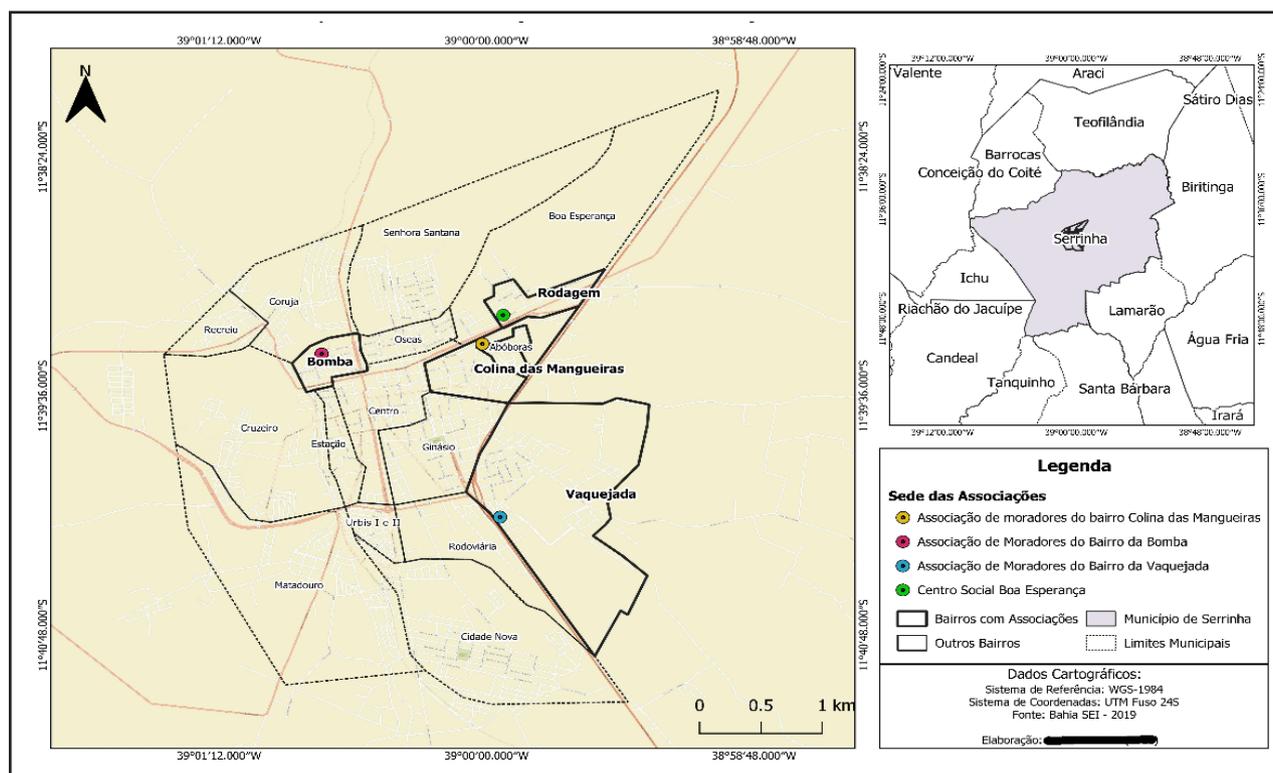
Para o/a entrevistado/a 01 “[...] quando a gente lança uma associação é sempre para a melhora do bairro, porque a gente tenta fazer algumas coisas. A associação é para ter melhoras no bairro”. Esse tipo de compreensão esteve presente na fala dos/as associados, reforçando o papel e a importância da participação popular que se realiza por meio do associativismo.

Essa pesquisa contou com a colaboração de quatro associações representadas na Figura 1. Associação Beneficente dos Moradores do Bairro da Bomba, Associação de Moradores do Bairro Colina das Mangueiras, Associação de Moradores do Bairro da Vaquejada e Associação Centro Social Boa Esperança, localizada no Bairro da Rodagem. Tendo como referência a ordem apresentada, faremos uma breve explanação sobre as atividades e funções desempenhadas por cada associação.

Essa pesquisa contou com a colaboração de quatro associações representadas na Figura 1. Associação Beneficente dos Moradores do Bairro da Bomba, Associação de Moradores do Bairro Colina das Mangueiras, Associação de Moradores do Bairro da Vaquejada e Associação Centro Social Boa Esperança, localizada no Bairro da Rodagem.

Tendo como referência a ordem apresentada, faremos uma breve explanação sobre as atividades e funções desempenhadas por cada associação.

Figura 1 – Localização das associações colaboradoras – Serrinha / BA 2021



Elaborado pelos autores (2021)

4.1 A Associação Beneficente dos Moradores do Bairro da Bomba

A Associação Beneficente dos Moradores do Bairro da Bomba tem 45 associados. Ela foi fundada em 12 de junho de 1987, com o objetivo de desenvolver atividades e/ou ações sociais e culturais no bairro. As atividades desenvolvidas seguem basicamente duas linhas de atuação. A primeira linha está centrada no papel de intermediação junto ao poder público: a associação identifica e/ou coleta as demandas dos associados e moradores do bairro e encaminha para os responsáveis. Segundo o/a entrevistado/a 02, um membro da diretoria “fica ‘correndo atrás’ do pessoal de iluminação, calçamento das ruas [...] para tentar ajudar, juntamente com o pessoal da prefeitura. Então, quando a gente necessita, pede por documento para trazer melhorias para o bairro”.

Figura 2 – Empreendimentos urbanos conseguidos pela Associação de Moradores do Bairro da Bomba



Fonte: Acervo particular dos autores (janeiro de 2021)

(2-i) Praça da Bomba pós-revitalização

(2-ii) Construção da creche e Unidade de Pronto Atendimento para atender o bairro

Os/as entrevistado/as 3 e 4 relataram que as cobranças mais recorrentes no bairro estão ligadas à limpeza e à manutenção dos espaços públicos e da iluminação pública. Nos últimos anos, a associação contribuiu para a revitalização da praça pública, pela construção de três espaços para atendimento à população, uma creche para o bairro, a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) e a sede da associação (Figuras 2-i, 2-ii e 3-i).

A associação solicitou e acompanhou a construção da creche, pois “muitos pais pediram, porque tinham filhos pequenos e queriam. Aí a gente entendeu que tinha essa necessidade” (entrevistado/a 02). Já a construção da UPA foi para evitar o deslocamento aos bairros vizinhos para ter acesso a serviço básico de saúde. Ambos foram construídos na antiga escola municipal Áurea Nogueira, que também era utilizada pela associação para encontros/reuniões. Atualmente, a associação tem uma sede própria nas intermediações do campo da lixa, cuja construção foi em decorrência da atual parceria com o poder público.

Figura 3 – Empreendimentos urbanos conseguidos a partir da Associação de Moradores do Bairro da Bomba



Fonte: Acervo particular dos autores (dezembro de 2020)

(3-i) *Escolinha de futebol e sede da associação*

(3-ii) *"Campeonato da Lixa" em 2015⁴*

Na Figura 3, evidenciamos a segunda linha de atuação da associação, responsável por promover momentos de interação através de atividades comemorativas como os festejos juninos, dia das crianças, dia das mães e Natal. Ela promove também algumas atividades/ações ligadas à prática esportiva, como aulas de ginástica, capoeira, escolinha de futebol para as crianças (Figura 3-i) e o campeonato da lixa (Figura 3-ii). Nos últimos anos, o campo da lixa passou por uma série de reformas, com a construção de um alambrado, uma arquibancada e o nivelamento do campo com areia. Foi relatado pelo/a entrevistado/a 01 que o campo de futebol é um dos poucos espaços de lazer no bairro.

As atividades desenvolvidas pelas associações e os vínculos que estas estabelecem com os bairros, permite pensar na ideia de espaços banais e nas práticas cotidianas, conforme reafirmado por Carlos (2000, p, 243).

"[...] as relações de vizinhança, o ato de ir as compras, o caminhar, o encontro com os conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, os percursos. Trata-se de lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida onde se locomove, trabalha, flana, o espaço da casa e dos circuitos das compras, dos passeios, formas através das quais o homem se apropria e que

⁴ Imagem extraída de um registro audiovisual de um dos campeonatos realizados no Campo da Lixa. Fonte: Campeonato da Lixa, Lances do Jogo. Bomba x São Domingos – 4:58 min. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=09w-nAE-7FBE&ab_channel=AdryanoFerreira > Acesso em 01 de abril 2021.

vai ganhando significado pelo uso (...) Enfim, uma prática vivida e reconhecida em pequenos atos corriqueiros, e aparentemente sem sentido, criam os laços profundos de identidade entre habitante-habitante e habitante-lugar. Desse modo não estamos nos referindo aos espaços infinitos, mas banais e reais como a rua, a praça, o bairro, - espaços do vivido”.

A diretoria da associação havia preparado diversas atividades/ações para os anos de 2020/2021, mas que tiveram que ser adiadas em decorrência do contexto pandêmico da COVID-19. Os/as entrevistados/as relataram que seriam realizados trabalhos sociais na área de saúde e lazer na Praça da Bomba (Figura 2-i), em parceria com a Secretaria de Saúde do município. Outra atividade prevista seriam as visitas domiciliares para mapear as demandas e necessidades das famílias e do próprio bairro e, a partir disso, direcionar as ações da associação ou acionar possíveis parcerias para solucioná-las. Estavam nos planos a realização de mutirões de ajuda mútua e o oferecimento de cursos de corte e costura na sede da associação. A diretoria estava dialogando com comerciantes do bairro para oferecer um percentual de desconto para os associados, mas, por terem sido anos (2020/2021) atípicos, a associação foi forçada a fazer um remanejamento no planejamento e na execução de algumas ações.

4.2 A Associação de Moradores do Bairro Colina das Mangueiras

A Associação de Moradores do Bairro Colina das Mangueiras conta com 50 associados, tendo sido fundada em 2006, com o objetivo de discutir e atuar no espaço urbano. Segundo os entrevistados/as 05 e 06, em razão da sua rápida expansão, o bairro apresenta uma série de limitações e problemas de infraestrutura, a exemplo de algumas ruas sem calçamento, sem saneamento básico, sem iluminação pública, sem sistema de distribuição de água, sem coleta de lixo, sem posto de saúde e carente de espaço públicos de lazer. Alguns desses problemas estão evidenciados na Figura 4.

A Associação Comunitária dos Moradores da Colina das Mangueiras foi criada em um contexto de enorme carência de condições socioespaciais, tendo como propósito buscar soluções para os problemas enfrentados no bairro, como descreve um associado e morador:

[...] foi criada por conta das demandas relacionadas aos serviços públicos no bairro. [...] a Colina das Mangueiras era um bairro que tinha surgido e muitos serviços públicos a gente não tinha disponíveis. O calçamento a gente só tinha em uma rua só, a gente não tinha rede de esgoto, a escola era precária, não tínhamos posto de saúde, não tínhamos espaço de lazer, campo para praticar um esporte. A gente tinha que se deslocar para o Bairro de Rodagem ou Abóboras, e aí, por conta disso, a comunidade precisava se organizar e criar uma associação. (Entrevistado/a 06)

A associação se volta para buscar alternativas para os problemas materiais imediatos enfrentados pelo convívio na mesma realidade socioespacial, mais especificamente, as infraestruturas básicas, que atravessam a realidade do bairro e são enfrentadas por toda a coletividade que compartilha a vivência nesse espaço, provocando mobilizações no sentido de buscar soluções nos poderes constituídos. Essa característica foi identificada por Coelho Neto (2013, 2021), evidenciando o papel e a importância das associações para atender as demandas dos bairros periféricos.

Figura 4 – Problemas infraestruturais do Bairro Colina das Mangueiras



Fonte: Acervo particular dos autores (dezembro de 2020)

(4-i) falta de saneamento básico

(4-ii) Falta de calçamento

A associação vem nuclearizando sua atuação na resolução de problemas ligados ao saneamento básico, lazer (Figura 5-ii), esporte, saúde, cultura e educação. Por intermédio da associação, “algumas demandas foram solucionadas, relacionadas a calçamento, a esgotamento sanitário. Houve algumas reformas e melhoramento na escola (Escola Municipal Hermília Bastos)” (Entrevistado/a 06). No entanto, alguns

problemas ainda não foram sanados, como, por exemplo, ausência do posto de saúde, espaços públicos de lazer (Figura 5-i), pavimentação de ruas e saneamento básico (Figura 4). Segundo o/a entrevistado/a 05, grande parte das ruas pavimentadas foi conseguida por meio de cobranças feitas pela associação junto ao poder público. A associação contribuiu também para a melhoria na iluminação pública, na escola municipal, por meio da implantação de um infocentro, espaços equipados com tecnologias virtuais e/ou digitais, que são compartilhados com os membros da associação.

A atuação da associação no bairro conta com uma parceria estabelecida com a Igreja Católica, responsável por auxiliar a associação no seu processo de criação e que continua a prestar suporte ainda hoje. Por não ter sede própria, a associação faz uso do salão da igreja para reuniões e para desenvolver algumas atividades, como, por exemplo, o dia das crianças (Figura 5-ii).

Figura 5 – Espaços de lazer e Igreja Católica no Bairro Colina das Mangueiras



Fonte: A foto 5-1 é do Acervo particular dos autores (janeiro de 2021). A Foto 5-ii foi cedida pela Associação Comunitária dos Moradores da Colina das Mangueiras (5-i) Praça do bairro (2021) (5-ii) Comemoração ao dia das crianças (2017)

4.3 A Associação de Moradores do Bairro da Vaquejada

A Associação de Moradores do Bairro da Vaquejada teve sua criação atrelada ao processo de expansão do espaço urbano, promovido por diferentes agentes, como o Estado, com a implantação da BR-166 e a intervenção política municipal (PDDU, 2000),

somadas aos donos de terras, aos promotores imobiliários e aos empresários locais. Ao longo da pesquisa realizada, levantamos depoimentos de entrevistados - filiados à associação - e de moradores do bairro, que permitem depreender a importância da vaquejada para o surgimento e a conformação socioespacial do bairro.

O Bairro da Vaquejada hoje representa “uma das mais recentes áreas de expansão de padrão popular e de grandes chácaras e residências de alto padrão” (PDDU, 2000, p. 35). Para Carvalho (2017) e Oliveira (2018), com a chegada da BR-116 e a recente ampliação de loteamentos, construção de casas e condomínios, o bairro está se expandindo horizontalmente no sentido sul, margeando a BR-116 (Figura 6). É possível identificar contraditoriamente melhorias e limitações infraestruturais. As diferentes configurações paisagísticas revelam a influência de diferentes atores que contribuem/íram para o processo de produção do espaço, conteúdo marcadamente destacado por Corrêa (2002).

Figura 6 – Feições paisagísticas do espaço urbano de Serrinha no Bairro da Vaquejada – 2021



Fonte: Acervo particular dos autores (janeiro de 2021)

(6-i) Acesso à Avenida Maria do Carmo

(6-ii) Rua às margens da BR-166

(6-iii) Visão do loteamento Maria do Carmo

A atuação da associação está centrada em dois segmentos. O primeiro segmento destinado à resolução de problemas ligados à infraestrutura do bairro, como a implementação ou conclusão de calçamento de algumas ruas, iluminação pública, limpeza e manutenção de ruas e praças e obras de saneamento básico. “Essas demandas estão sendo resolvidas, faltam muitas ainda” (Entrevistado/a 07), a exemplo do início da construção da sede da associação.

O segundo segmento está ligado ao envolvimento da população com a associação através de ações formativas e socializadoras. Segundo o/a entrevistado/a 08, a associação, em parceria com a prefeitura municipal e por meio do Centro Comunitário de Qualificação de Serrinha (CCQ), promovia cursos com o objetivo de profissionalizar e oportunizar a inserção no mercado de trabalho, no entanto, não foi possível dar continuidade com a parceria com o CCQ, em razão da paralisação das suas atividades.

Um novo projeto está sendo concebido visando ao estreitamento da relação entre população e associação, por meio do estímulo do trabalho voluntário, uma vez que o bairro dispõe de “pedreiros, carpinteiros, encanador, advogado. Temos promotora no bairro, que mora em nosso bairro, então por que não a gente se aproximar e lutar, cada um dentro da sua profissão” (Entrevistado/a 08). Essa estratégia visa a fortalecer a presença dos associados além de estreitar as relações entre moradores-associação-bairro. Atualmente, todos os projetos estão paralisados em decorrência do contexto de pandemia da COVID-19, assim, a comunicação com os moradores e associados vem ocorrendo através de aplicativos de mensagem instantânea e videochamada.

4.4 Centro Social Boa Esperança

O Bairro da Rodagem surgiu da formação de loteamentos e doações de terrenos (Carvalho, 2017). Ele tem uma localização estratégica, ficando próximo à BR-116 e ao centro da cidade. Segundo o/a entrevistado/a 09, “o bairro nasceu com poucas casas, as pessoas foram vindo morar aqui, era um bairro tranquilo, de pessoas bem humildes”. As condições de precariedade social foram um importante gatilho motivador para o surgimento da associação, com a finalidade de promover o desenvolvimento comunitário do bairro, culminando na criação do Centro Social Boa Esperança (Figura 7).

O Centro Social Boa Esperança foi fundado no dia 12 de julho de 1971, tendo como objetivo o desenvolvimento de atividades e ações em defesa de direitos sociais, da cultura e da arte. Sua criação decorreu da mobilização/articulação com a Igreja Católica por intermédio de um padre que adquiriu o terreno onde hoje está

construída a sede da associação. Atualmente a associação conta com a parceria da prefeitura municipal, por meio do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), responsável por disponibilizar profissionais para palestras e também por direcionar a população para outros órgãos públicos. Outra importante parceira é a Central de Apoio e Acompanhamento às Penas Médias e Alternativas (CEAPA), conseguindo serviços, produtos e recursos financeiros.

Figura 7 – Sede do Centro Social Boa Esperança



Fonte: Acervo particular dos autores (janeiro de 2021)

Foi relatado pelo/as entrevistados/as 09 e 10 que a associação contava com uma série de projetos que envolviam alfabetização, distribuição de alimentos e atividades físicas e aconteciam pelas parcerias existentes, principalmente com o poder público. Porém, hoje, a associação conta apenas com um, que “é o Forró itinerante, porque a gente não tem condições para colocar outros projetos em prática.” (Entrevistado/a 09). Vale a pena ressaltar que o projeto é custeado pelos próprios associados e é uma atividade que ocorreu inicialmente na sede da associação e ganhou muita visibilidade, passando a ser desenvolvida em diferentes locais.

Tem a parte do lazer, esse lazer “da gente” ter nosso forró itinerante, todo final de semana a gente sai pra “zona rural” para as cidades circunvizinhas até 50 km. Quando é de 30 pra cá, a gente sai às 13:00 em ponto e quando é de 50 km a gente às 07:00 da manhã, aí passa o dia. É (Caldas do) Jorro, Cipó, Araci. O pessoal gosta

por demais. A gente já conseguiu reunir 1.000 (mil) pessoas em um evento desse. É o Forró da Terceira Idade (evento conhecido em Serrinha). [...] Chegando essa vacina e ficando todo mundo imunizado, a gente pretende voltar às nossas atividades no Domingo de páscoa (12 de abril de 2020). Um forró dia de domingo é bom, muito bom. Pode ter certeza que vai ter um bocado de pessoas. Eles se sentem felizes mesmo, pessoas deprimidas que ficam boas, pessoas que perderam os seus parceiros vêm encontrar parceiras no evento. Para você ter ideia, a gente está com 12 anos com esse forró itinerante, eu acho que já aconteceram uns oito casamentos. O Forró da Terceira Idade é um Cupido. (Entrevistado/a 06, grifo nosso)

Figura 8 – Confraternizações no Centro Social Boa Esperança



Fonte: Acervo particular dos autores (março e dezembro de 2020)

(8-i) Forró da Terceira Idade⁵

(8-ii) Confraternização natalina⁶

Essa atividade tem relevância para os associados, pois, segundo o/a entrevistado/a 9, “o forró é uma coisa assim que eles, é unânime, são apaixonados por forró. Então a gente pensou nisso, já que todo mundo é apaixonado por forró, vamos fazer um forró” (Figura 8). Essa atividade envolve uma valorização da participação dos associados na realização do evento, afinal, os músicos são membros da associação.

⁵ Atividade desenvolvida no dia 14 de fevereiro de 2020, portanto, em data que antecedeu as medidas de distanciamento e isolamento social devido ao surto pandêmico da COVID-19.

⁶ Atividade desenvolvida no dia 14 de dezembro de 2020. Nesta data houve uma flexibilidade nas medidas de distanciamento e isolamento social. Todos os participantes estavam utilizando máscara, em um local bem ventilado, utilizando álcool e evitando contato direto com os demais membros.

Além de contar com uma valorização da cultura do forró, serviu como elemento que promoveu a socialização dos moradores do bairro. Outras atividades que já foram desenvolvidos pela associação foram atividades de capoeira, ginástica, alfabetização, palestras e acompanhamento das famílias.

Pensar o papel das associações nos bairros e as condições criadas para que se tornem lugares nos remete a ideia de Carlos (2000, p. 242) que propõe pensar o plano do lugar como a base da reprodução da vida. Desse modo, “as relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos de uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental que se realizam no cotidiano dos habitantes em sua relação com o espaço”.

Os exemplos citados reforçam a nossa compreensão sobre as associações e sua potencialidade na capacidade de articular e promover os vínculos socioterritoriais, de modo que os sujeitos envolvidos compartilham interesses em comum, orientados pelos preceitos da coletividade, e experienciam diferentes formas de interagir entre/com os associados em razão das atividades/ações desenvolvidas. Todas essas atividades exploram o caráter de sociabilidade presente no associativismo. Por isso, “[...] entendemos que se trata de um processo dialético, no qual as interações sociais podem se desdobrar na formação de associações, e estas, quando constituídas, constroem uma teia de relações sociais que permitem a reprodução de sociabilidades”. (Coelho Neto, 2013, P. 253).

Diante disso, é válido considerar que as associações estão envolvidas com as interações entre associados-associação-bairro, sendo, em muitos casos ou realidades geográficas, uma peça fundamental para a mobilização e organização social, capaz de ampliar e aprofundar as relações sociais e os vínculos com os espaços de vivências (Coelho Neto, 2021).

As associações de bairro são gestadas em decorrência das especificidades locais, que geralmente resultam da (con)vivência dos moradores na mesma realidade socioespacial, prenhe de carências infraestruturais e ausências do poder municipal. Uma vez criadas, elas intervêm na realidade social e participam do processo de produção do espaço. Há, neste sentido, uma relação dialética entre espaço-associativismo-produção do espaço.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os bairros estudados experimentaram uma expansão geográfica, apresentando uma série problemas de infraestrutura urbana, a exemplo de algumas ruas sem calçamento e da falta de saneamento básico, de iluminação pública, de sistema de distribuição de água, de coleta de lixo. Eles carecem de posto de saúde, de espaços públicos de lazer e de serviços periódicos de limpeza e manutenção dos espaços públicos. É importante destacar que as condições socioespaciais dos bairros estimulam a criação das associações, que se movimentam fundamentalmente para sanar estes problemas infraestruturais que afligem a vida dos moradores.

As associações pesquisadas apresentam algumas similaridades em termos de características e objetivos. Elas se localizam em bairros periféricos e buscam a articulação de moradores para solucionar problemas comuns vivenciados em seus lugares de vivência. No entanto, resguardam especificidades quanto à forma de atuação, proveniente das condições próprias de cada bairro e do perfil dos sujeitos envolvidos. Em geral, as atividades desenvolvidas seguem basicamente duas linhas de atuação. Elas buscam sanar os problemas de infraestruturas dos bairros, cumprindo um papel de intermediação junto ao poder público. Por outro lado, elas buscam desenvolver atividades e/ou ações sociais e culturais no bairro, mobilizando os moradores e construindo relações de sociabilidade.

Algumas atividades se destacam, reforçando a natureza de atuação destas formas societárias e seu papel na produção do espaço nas periferias urbanas. No âmbito da dotação de infraestruturas, as associações acionam o poder público e asseguram a construção de creches, de postos de saúde, de escolas municipais, a construção e revitalização de praças públicas, a melhoria na iluminação pública, a implantação de infocentro, o calçamento de ruas, entre outros serviços públicos fundamentais para a qualidade de vida da população dos bairros da periferia da cidade.

No plano da criação de condições que favorecem a sociabilidade, as associações incentivam a integração/articulação entre os moradores pela promoção de atividades em grupo, reuniões e mutirões. As associações organizam e promovem festividades,

práticas cuja natureza permite aprofundar as relações entre os associados, constituindo espaço-tempo de trocas e interações socioculturais, a exemplo das festas juninas, da confraternização de final de ano, dos bingos, do dia das crianças, comemoração do dia do trabalhador, entre outras. Promovem também atividades ligadas à prática esportiva, como aulas de ginástica, capoeira, escolinha de futebol para as crianças, entre outras.

É possível inferir sobre a relação entre o período de criação das associações e suas formas de atuação. A associação criada em um contexto de ditadura militar (O Centro Social Boa Esperança, fundado em 1971), nasce da ação da Igreja Católica e desenvolve ações em defesa de direitos sociais, da cultura e da arte. As demais associações, especialmente àquelas criadas no século XXI, atuam mais no âmbito do voluntariado, estimulado a partir da década de 1990 no Governo FHC, e na busca de atender as demandas de infraestruturas dos bairros.

Em síntese, podemos considerar que as associações de bairro se constituem na articulação de pessoas cujas ações/estratégias se dirigem para o enfrentamento das condições socioespaciais imediatas de vida, seja pela busca de soluções para os problemas estruturais básicos, seja na construção de relações comunitárias. O conjunto de atividades desenvolvidas revela seu papel no processo de produção do espaço nas periferias urbanas.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O Lugar e as Práticas Cotidianas. In: GONÇALVES, Neyde Maria Santos; SILVA, Maria Auxiliadora da; LAGE, Ceuzza Santos. (Org.). **Os Lugares do Mundo. A globalização dos lugares**. Salvador: UFBA, 2000, p. 240-247.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: EDU, 2008.

CARVALHO, Elmo José Carneiro. **A expansão urbana da cidade de Serrinha-Bahia e suas repercussões sobre os recursos hídricos**. 2017. 135 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Territorial). Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial, UEFS, Feira de Santana/BA, 2017.

COELHO NETO, Agripino Souza. **A trama das redes socioterritoriais no espaço sisaleiro da Bahia**. 2013. 426 f. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências, UFF, Niterói, 2013.

COELHO NETO, Agripino Souza. Experiências de associativismo rural no Território do Sisal-Bahia-Brasil: significados, resultados e desafios. **Derecho & Sociedad**, v. 5, p. 103-124, 2019.

COELHO NETO, Agripino Souza. **A geograficidade das ações coletivas: Rede, Política de Escalas e Territorialidade**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2002.

FRANCO, Tasso. **Serrinha: a colonização portuguesa numa cidade do Sertão da Bahia**. Salvador: EGBA/Assembléia Legislativa do Estado, 1996.

LACERDA, Ana Paula Carvalho Trabuco. **Caminhos da liberdade: a escravidão em Serrinha-Bahia (1868-1888)**. 2008. 1280 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, 2008.

LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. 4. ed. Paris: Anthropos, 2000.

MARICATO, Ermínia. Para entender a crise urbana. **CaderNAU**, v. 8, n. 1, p. 11-22, 2015.

OLIVEIRA, Janiele de Jesus. **Associativismo e territorialidade: um olhar sobre a associação comunitária de Mombaça – Serrinha (BA)**. 2016. 96 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Geografia). Universidade do Estado da Bahia, UNEB campus XI, Serrinha/BA, 2016.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo Freire de Lima. **Geoprocessamento como ferramenta do planejamento urbano: aplicabilidades no município de Serrinha/BA**. 2018. 128 p. Dissertação (Mestrado em Planejamento Territorial) Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial. UEFS, Feira de Santana/BA, 2018.

PORTO, Gil Carlos Silveira. **Evolução da rede de localidades centrais na Bahia nos Séculos XIX e XX: Permanências, complexidades e amadurecimento**. 2014. 246 f. Tese de Doutorado (Pós-Graduação em Geografia) Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, 2014.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Novos conteúdos nas periferias urbanas das cidades médias do Estado de São Paulo, Brasil. **Investigaciones Geográficas**, México, n. 54, p. 114-139. 2004.

SANTOS, Edinusia Moreira Carneiro. **Associativismo e territorialidade na Região Sisaleira da Bahia: relações com o desenvolvimento**. 2007. 295 f. Tese de Doutorado (Pós-Graduação em Geografia), Universidade Federal de Sergipe, UFS, Aracaju. 2007.

SANTOS, Jadson Santiago dos. **Ações coletivas e estratégias de organização socioespacial na comunidade de recanto, Serrinha / BA**. 2018. 123 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Geografia). Universidade do Estado da Bahia, UNEB campus XI, Serrinha/BA, 2018.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. Da crítica da Geografia a Geografia Crítica. São Paulo: Hucitec, 1978.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

TEIXEIRA, E. (Coord.). (2008). **Sociedade civil na Bahia: papel político das organizações**. Salvador, Brasil: EDUFBA.

VIANNA, Francisco Vicente. **Memória sobre o estado da Bahia**. Salvador: Typografia e encadernação do Diário da Bahia, 1893.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

1 – Jadson Santiago dos Santos

Mestre em Estudos Territoriais pela Universidade do Estado da Bahia UFBA/BA. Atualmente é professor de Geografia da Educação Básica, Centro Educacional Futura e Cooperativa de Educação Integral Serrinhense, Serrinha, BA

<https://orcid.org/0000-0001-7914-2252> • jadson-d.j@hotmail.com

Contribuição: concepção, pesquisa de campo, sistematização de dados e escrita.

2 – Agripino Souza Coelho Neto

Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense UFF/RJ.

Atualmente é professor do Mestrado em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia

<https://orcid.org/0000-0003-3714-510X> • ascneto01@gmail.com

Contribuição: concepção, escrita e revisão do texto.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

COELHO NETO, A. S.; SANTOS, J. S. dos. O associativismo de bairro e seu papel na produção do espaço urbano na cidade de serrinha (BA) **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 27, e69663, p. 1-29, 2023. DOI 10.5902/2236499469663. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2236499469663>. Acesso em: xx dia xx mês abreviado . Ano xx.